

SUE
A MONK
KIDD
CADEIRA
DA SEREIA

Tradução

THEREZA CHRISTINA ROCQUE DA MOTTA

pa
ra
le
la

Copyright © 2005 by Sue Monk Kidd Ltd.
Copyright da tradução © 2005 by Ediouro Publicações Ltda.

Todos os direitos reservados, incluindo direitos de reprodução do todo ou de parte, em qualquer formato.

A edição original foi publicada em acordo com Viking Penguin, membro da Penguin Group (USA) LLC, uma empresa Penguin Random House.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Mermaid Chair

CAPA estúdio insólito

IMAGEM DE CAPA © Corbis Corporation/ Fotoarena

PREPARAÇÃO Andressa Bezerra Corrêa

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kidd, Sue Monk

A cadeira da sereia / Sue Monk Kidd ; tradução Thereza Christina Rocque da Motta. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2016.

Título original: The Mermaid Chair.

ISBN 978-85-8439-021-2

1. Romance norte-americano I. Título.

16-00470

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.editoraparalela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparalela.com.br

1

No dia 17 de fevereiro de 1988, abri meus olhos e ouvi uma sequência de sons: primeiro o telefone tocando do outro lado da cama, acordando-nos às 5h04 da manhã, para algo que só poderia ser uma catástrofe; depois o barulho da chuva sobre o telhado de nossa casa de estilo vitoriano, descendo sorrateiramente até o porão; e, por fim, os pequenos sopros compassados que saíam dos lábios de Hugh com a precisão de um metrônomo.

Eu ouvira esse som por vinte anos, mesmo quando ele estava desperto. Sentava-se em sua poltrona de couro depois do jantar e passava os olhos pelas revistas de psiquiatria empilhadas no chão, criando o ritmo que regulara toda a minha vida.

O telefone tocou mais uma vez e eu continuei deitada, esperando que Hugh atendesse, certa de que deveria ser um de seus pacientes, provavelmente o esquizofrênico paranoico que telefonara na noite anterior dizendo que a CIA o havia cercado num prédio do governo no centro de Atlanta.

Tocou uma terceira vez, e Hugh agarrou o telefone:

“Sim, alô?”, atendeu com a voz rouca, bêbada de sono.

Rolei na cama, afastando-me dele; e, do outro lado do quarto, a luz baça e líquida que escorria pela janela me lembrou de que era Quarta-Feira de Cinzas, trazendo à tona um irremediável sentimento de culpa.

Meu pai morrera numa Quarta-Feira de Cinzas, quando eu tinha nove anos de idade; e, de um modo confuso — que não fazia sentido para ninguém a não ser para mim —, acontecera por minha causa, ao menos em parte.

O barco dele se incendiara, disseram, quando o tanque de combustível explodiu. Destroços do barco vieram dar na praia semanas depois, até uma parte da popa com o nome *Jes-Sea** pintado nele. Ele batizara o barco em minha homenagem — não ao meu irmão, Mike, nem mesmo à minha mãe, que ele adorava, mas a mim, Jessie.

Cerrei os olhos e vi chamas de óleo incandescentes num furor alaranjado. Uma reportagem no jornal de Charleston lançou uma suspeita de sabotagem em relação à explosão. Houve uma breve investigação, embora nada

* Jessie, o nome da protagonista, tem o mesmo som de “Jes-Sea” — o nome do barco, que faz um trocadilho com *sea* (“mar”). (N. T.)

tivesse sido apurado — coisas que Mike e eu descobrimos apenas porque surrupiamos o recorte de jornal da gaveta da penteadeira de mamãe, um lugar soturno e secreto, cheio de terços partidos, medalhas de santos abandonadas, reproduções de ícones sagrados e um pequeno crucifixo sem o braço esquerdo de Cristo. Ela jamais imaginaria que fôssemos nos aventurar a mexer em todo aquele sacrário alquebrado.

Recorri àquele terrível santuário quase todos os dias ao longo de um ano, e lia a reportagem de forma obsessiva, especialmente uma das frases: “A polícia suspeita de que uma brasa de seu cachimbo possa ter incendiado um vazamento do tanque de combustível”.

Eu dera o cachimbo a ele no Dia dos Pais. Até então, ele nunca havia fumado.

Ainda não conseguia pensar nele sem a palavra “suspeita”, além de associá-lo a este dia, já que ele se transformara em cinza na mesma data em que as pessoas, em todos os lugares — incluindo eu, Mike e minha mãe —, iam à igreja para receber uma marca de cinza sobre a testa. Mais uma ironia entre tantas outras obscuras coincidências.

“Sim, claro que me lembro de você.” Ouvi Hugh dizer, gesticulando para que eu prestasse atenção à conversa ao telefone em meio à escuridão antes do amanhecer. E continuou: “Sim, aqui estamos todos bem. E como vai tudo por aí?”.

Pela conversa, não deveria ser um paciente. E também não era nossa filha, Dee, disse eu tinha certeza. Porque percebi pelo tom formal em sua voz. Imaginei se seria um dos colegas de Hugh. Ou um residente do hospital. Às vezes, eles ligavam para fazer uma pergunta sobre um caso, embora normalmente não fizessem isso às *cinco* da manhã.

Empurrei-me para fora das cobertas e fui descalça até a janela, do outro lado do quarto, para checar se o porão acabaria inundado mais uma vez, apagando a chama-piloto do aquecedor de água. Observando o dilúvio gelado que caía do lado de fora, envolto em uma bruma azul, e a torrente de água que já enchia a rua, eu tremi, desejando que nossa casa fosse mais fácil de ser aquecida.

Quase enlouqueci Hugh para comprar esta casa imensa e pouco prática, e, mesmo depois de sete anos morando nela, me recusava a criticá-la. Eu amava o pé-direito alto e os vitrais sobre as janelas. E a pequena torre — meu Deus, eu amava aquela torre. Quantas casas tinham uma dessas? Era preciso galgar uma escada em espiral por dentro dela para chegar ao meu estúdio de arte, um sótão adaptado no terceiro andar da casa, com teto abruptamente inclinado e uma claraboia. O cômodo era tão reservado e tão encantador que Dee costumava chamá-lo de “torre da Rapunzel”. Ela sempre me provocava em relação ao meu estúdio: “Mãe! Quando você vai jogar suas tranças?”.

Era assim que Dee zombava de mim, sendo divertida, sendo ela mesma, mas ambas sabíamos o que ela queria dizer: que eu havia me tornado muito irritadiça, sempre na defensiva. No último Natal, quando minha filha passou alguns dias conosco em casa, preguei uma charge com um ímã na geladeira onde se lia: A MELHOR MÃE DO MUNDO. Na imagem, duas vacas pastavam idilicamente. Uma dizia à outra: “Não importa o que digam, não estou satisfeita”. Era uma piada dirigida à Dee.

Lembro agora o quanto Hugh riu ao ler isso. Ele interpretava as pessoas como se fossem meras borras de café, mesmo não acreditando em métodos de adivinhação. Dee fitou a imagem por um longo tempo e depois me lançou um olhar dubio. Não tinha achado graça alguma na brincadeira.

Para dizer a verdade, eu me sentia *de fato* inquieta. Tudo começou no outono — não tinha ânimo algum para ir até meu estúdio, um sentimento de que o tempo estava passando, de que tudo estava sendo adiado, contido. Essa sensação me tomava de súbito — de forma tão inesperada quanto a insatisfação das vacas no pasto, ruminando eternamente seu bolo alimentar.

Durante o inverno, o sentimento cresceu, ao observar uma vizinha correr pela calçada na frente de casa, treinando, supunha eu, para escalar o Kili-manjaro. Ou ao escutar uma amiga do meu clube de leitura descrever, passo a passo, como fez bungee jump de uma ponte na Austrália. Ou — e esse era o pior — ao assistir a um programa de tv sobre uma mulher corajosa que viajara sozinha pelos mares azuis da Grécia, o que me deu a sensação de estar tomada pela luz que resplandecia daquelas imagens, o sangue, a seiva, o vinho, a existência, o que quer que fosse aquilo. Sentia-me apartada da imensidão do mundo, das coisas extraordinárias que as pessoas executam na vida, embora, na verdade, eu não quisesse fazer nenhuma delas. Eu ainda não sabia o que queria, mas a ansiedade que sentia em querer descobrir era perceptível.

Junto à janela, naquela manhã, senti o modo rápido e furtivo com que isso se insinuava, e eu não sabia o que pensar. Hugh achava que aquele meu desânimo tivesse alguma relação com o fato de Dee estar fora de casa, na faculdade, uma sensação clichê de ninho abandonado pelo filhote que se foi.

No outono passado, depois de levá-la para a Universidade Vanderbilt, corremos para casa para poder competir no Waverly Harris Cancer Classic, um torneio de tênis para o qual ele havia se preparado ao longo de todo o verão. Ele enfrentara o calor abrasante da Geórgia por três meses, treinando duas vezes por semana com uma bela raquete Prince. Eu acabei chorando todo o caminho de volta para casa desde Nashville. Continuava vendo Dee na porta de seu alojamento, acenando, enquanto nosso carro se afastava. Ela tocou o olho, o peito e depois apontou para nós: um gesto que ela repetia desde pequena. Olho. Coração. Vocês. Aquilo acabou comigo. Quando chega-

mos em casa, apesar de meus protestos, Hugh ligou para Scott, seu parceiro na dupla, para que tomasse seu lugar no torneio, e ficou em casa assistindo a um filme comigo. *A força do destino*. Ele fez muita força para fingir que tinha gostado.

A profunda tristeza que eu sentira no carro naquele dia perdurou por umas duas semanas, mas afinal acabou passando. Eu *sentia* falta de Dee — claro que sim —, mas não acreditava que aquele fosse o verdadeiro problema.

Passado um tempo, Hugh insistiu que eu visse a dra. Ilg, uma das psiquiatras que trabalhava em seu consultório. Recusei-me a vê-la sob a alegação de que ela tinha um papagaio em sua sala.

Eu sabia que isso iria irritá-lo. Esse não era o verdadeiro motivo, é óbvio — não tenho nada contra ninguém que tenha papagaios, a não ser pelo fato de mantê-los em gaiolas. Mas usei esse artifício como modo de fazê-lo entender que eu não iria seguir o conselho dele. Foi um dos raros momentos em que não o ouvi.

“Ela tem um papagaio, e daí?”, ele perguntou. “Você iria gostar dela.”

Provavelmente sim, mas eu não estava convencida de que queria fazer isto: revirar minha própria infância, como se olhasse para uma sopa de letrinhas, tentando reordenar o alfabeto, na esperança de formar frases iluminadas que explicassem por que tudo acontecera daquele jeito. Parecia uma insubordinação da minha parte.

Veza por outra, no entanto, eu me submetia a sessões imaginárias com a dra. Ilg. Contava a ela sobre meu pai, e, puxando um pigarro, ela anotava isso em seu caderninho — o que, aparentemente, era a única coisa que ela fazia. Imaginava seu papagaio como uma impressionante cacatua branca empoleirada no espaldar de sua poltrona, entoando todo tipo de comentário repetidas vezes, como o coro de uma tragédia grega: “Você se sente culpada, você se sente culpada, você se sente culpada”.

Pouco tempo atrás — e não sei dizer o que me levou a fazer isso —, contei a Hugh sobre essas sessões imaginárias com a dra. Ilg, e até mesmo sobre o pássaro. Ele sorriu e disse: “Talvez você devesse se consultar apenas com o papagaio. A sua dra. Ilg parece uma idiota”.

E então, do outro lado do quarto, Hugh estava ouvindo a pessoa falar, e concordava com ela, resmungando ao telefone: “Ahã, ahã...”. Seu rosto se contorcia com aquela expressão que Dee costumava chamar de “a grande ruga”, grave, atento ao que era dito, movimentando os vários pistões de seu cérebro — Freud, Jung, Adler, Horney, Winnicott —, subindo e descendo um depois do outro.

O vento rufava sobre o telhado e eu podia ouvir a casa começar a cantar — como sempre fazia — com a voz lírica de uma cantora de ópera. Também

havia portas que se recusavam a fechar, antigos vasos sanitários que, de repente, deixavam de funcionar (“Os vasos estão com retenção anal de novo!”, Dee gritava), e eu tinha de ficar sempre de olho para evitar que Hugh exterminasse os esquilos voadores que habitavam a lareira do escritório. Se um dia nos divorciássemos, ele costumava brincar, seria por causa dos esquilos.

Mas eu amava tudo aquilo, realmente eu amava. Odiava apenas as inundações do porão e os ventos no inverno. E agora, com Dee cursando o primeiro ano na Vanderbilt, o vazio — isso eu odiava.

Hugh encurvava-se do seu lado da cama, apoiando os cotovelos nos joelhos, e o alto de sua espinha aparecia através do pijama. Ele disse: “Você entende que esta é uma situação muito séria, não? Ela precisa procurar alguém, digo, consultar um psiquiatra de verdade”.

Tive certeza de que se tratava de um residente do hospital, embora soasse como se Hugh estivesse dando uma bronca na pessoa, e isso não era de seu feitio.

Pela janela, a vizinhança parecia toda alagada, como se as casas — grandes como arcas — fossem despregar do chão e flutuar rua abaixo. Odiava pensar em chafurdar naquela sujeira, mas faria o que tivesse de fazer. Eu iria dirigindo até o Sagrado Coração de Maria, em Peachtree, e teria minha testa marcada com cinzas. Quando Dee era pequena, ela equivocadamente costumava chamar a igreja de “*Sangrado* Coração de Maria”. Nós duas, às vezes, ainda nos referimos a ela desse modo, e me ocorreu agora o quanto este nome era apropriado. Ou seja, se Maria ainda estivesse entre nós como tantas pessoas imaginavam, incluindo minha mãe, católica inveterada, talvez seu coração *realmente* sangrasse. Talvez por estar num pedestal alto e exigente demais: mãe devota, mulher amantíssima e todos os parâmetros de feminilidade perfeita. Provavelmente, estaria lá em cima olhando em volta, procurando uma escada, um paraquedas, alguma coisa que a ajudasse a descer.

Jamais perdi sequer uma celebração de Quarta-Feira de Cinzas desde que meu pai morrera, nem uma única vez. Nem mesmo quando Dee era bebê e tive de carregá-la comigo, embrulhando-a com mantas, munida de chupetas e mamadeiras com leite materno. Perguntei a mim mesma por que continuava me sujeitando àquilo — ano a ano, indo ao Sangrado Coração de Maria, o padre entoando sua lamúria: “Lembrai-vos de que sois pó e ao pó retornareis”. A marca de cinza sobre a testa.

Só sei que carreguei meu pai assim minha vida inteira.

Hugh estava em pé. Ele disse: “Você quer que eu diga a ela?”. Olhou para mim, e senti um frio na barriga. Imaginei uma onda brilhante descendo a rua, contornando a esquina onde a velha sra. Vandiver construía um gazebo, muito próximo à sua garagem; a onda, não tão alta quanto um tsunami, mas

uma elevação reluzente vindo em minha direção, arrastando o ridículo gazebo, as caixas de correio, as casinhas de cachorro, os postes de luz, os arbustos de azaleias. Uma lavagem desastrosa e providencial.

“É para você”, disse Hugh. Num primeiro instante, eu não me mexi, e ele repetiu: “*Jessie*. A ligação... É pra você...”.

Ele me estendeu o telefone, olhando em minha direção, com seus cabelos grossos grudados na parte de trás da cabeça como os de uma criança, a testa franzida, parecendo perturbado, a água escorrendo pela janela, como trilhões de gotículas de estanho desabando sobre o telhado.